

Judith McNaught

UM REINO DE SONHOS

*Tradução*  
Valéria Lamim

1ª edição



EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2018

Copyright © 1989 by Eagle Syndication, Inc.

Título original: *A kingdom of dreams*

Texto revisado segundo o novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2018

Impresso no Brasil

*Printed in Brazil*

[inserir ficha]

Todos os direitos reservados pela:  
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.  
Rua Argentina, 171 – 2º andar – São Cristóvão  
20921-380 – Rio de Janeiro – RJ  
Tel.: (21) 2585-2000 – Fax: (21) 2585-2084

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

# 1

— Um brinde ao duque de Claymore e à sua noiva!

Em circunstâncias normais, esse convite para que brindassem a um casamento teria arrancado sorrisos e aplausos das damas e dos cavalheiros elegantemente vestidos que estavam reunidos no grande salão do castelo de Merrick. Eles teriam levantado as taças de vinho e oferecido outros brindes para celebrar um matrimônio majestoso e nobre como o que estava prestes a acontecer no sul da Escócia.

Porém, não naquele dia. Não naquele casamento.

Naquele casamento, ninguém ovacionou ou levantou a taça de vinho. Naquele casamento, todos observavam uns aos outros, e todos estavam tensos. A família da noiva estava tensa. A família do noivo estava tensa. Os convidados, os servos e os cães de caça no salão estavam tensos. Até mesmo o primeiro conde de Merrick, cujo retrato estava pendurado acima da lareira, parecia tenso.

— Um brinde ao duque de Claymore e à sua noiva — pronunciou novamente o irmão do noivo, com a voz soando como uma trovoada em meio ao silêncio forçado e sepulcral do apinhado salão. — Que eles desfrutem de uma vida longa e próspera juntos!

Normalmente, esse antigo brinde provoca uma reação previsível: o noivo sempre sorri com orgulho porque está convencido de ter realizado algo muito maravilhoso. A noiva sorri porque pôde convencê-lo disso. Os convidados sorriem porque, em meio à nobreza, o matrimônio implica a união de duas famílias importantes e de duas grandes fortunas, o que, por si só, é motivo para uma grande comemoração e uma alegria excepcional.

Porém, não naquele dia. Não naquele 14 de outubro de 1497.

Tendo feito o brinde, o irmão do noivo levantou a taça e sorriu de modo sombrio para o noivo. Os amigos do noivo levantaram as taças e sorriram fixamente para os parentes da noiva. Os parentes da noiva levantaram as taças e sorriram friamente uns para os outros. O noivo, que parecia ser o único imune à hostilidade no salão, levantou a taça e sorriu serenamente para a noiva, mas o sorriso não chegou aos seus olhos.

A noiva não se deu ao trabalho de sorrir para ninguém. Parecia furiosa e revoltada.

Na verdade, Jennifer estava tão furiosa que mal se dava conta das pessoas ali. Naquele instante, cada fibra de seu ser se concentrava em seu apelo desesperado e de última hora a Deus, que, por falta de atenção ou de interesse, havia permitido que ela chegasse àquela situação lamentável? “*Senhor*”, clamou em silêncio, engolindo o nó de terror que se avolumava em sua garganta, “*se vais fazer algo para impedir este matrimônio, terás de ser rápido, ou em cinco minutos será tarde demais! Sem dúvida, mereço algo melhor do que este matrimônio imposto com o homem que roubou minha virgindade! Eu não me entreguei a ele, tu bem sabes!*”.

Ao se dar conta da estupidez de repreender o Todo-Poderoso, ela rapidamente passou a suplicar: “*Eu não tentei sempre te servir bem?*”, sussurrou em silêncio. “*Eu não obedeci sempre a ti?*”

“*NEM SEMPRE, JENNIFER*”, retumbou a voz de Deus em sua mente.

“*Quase sempre*”, corrigiu Jennifer, desesperada. “*Eu ia à missa todos os dias, exceto quando ficava doente, o que era raro, e fazia minhas orações todas as manhãs e todas as noites. Quase todas as noites*”, corrigiu depressa antes que a consciência pudesse contradizê-la novamente, “*exceto quando adormecia antes de ter terminado. E eu tentei, eu realmente tentei ser tudo o que as boas irmãs da abadia queriam que eu fosse. Tu sabes o quanto me esforcei!* *Senhor*”, concluiu, desesperada, “*se me ajudares a escapar dessa situação, nunca mais serei teimosa ou impulsiva*”.

“*NISSO EU NÃO ACREDITO, JENNIFER*”, retumbou Deus, em tom de dúvida.

“*Não, eu juro*”, respondeu ela com sinceridade, propondo um acordo. “*Eu faço o que quiseres; volto para a abadia e dedico a minha vida à oração e...*”

— Os contratos matrimoniais foram devidamente assinados. Tragam o padre — ordenou Lorde Balfour, e Jennifer começou a ofegar de modo

agitado e sobressaltado, repassando em sua mente todos os pensamentos de possíveis sacrifícios.

“Deus”, implorou em silêncio, “*por que estás fazendo isso comigo? Não vais deixar isso acontecer comigo, vais?*”.

O silêncio caiu sobre o grande salão quando as portas se abriram.

“SIM, JENNIFER, EU VOU.”

A multidão abriu-se automaticamente para receber o padre, e, para Jennifer, era como se a vida estivesse chegando ao fim. Seu noivo tomou o lugar ao seu lado, e Jennifer afastou-se alguns centímetros, com o estômago embrulhado de ressentimento e humilhação, por ter de suportar a proximidade dele. Ah, se ela *soubesse* que um ato descuidado poderia terminar em desastre e desgraça. Ah, se ela não tivesse sido tão impulsiva e imprudente!

Fechando os olhos, Jennifer deixou de ver os rostos hostis dos ingleses e os rostos assassinos de seus parentes escoceses, e, em seu coração, enfrentou a dolorosa verdade: impulsividade e imprudência, seus dois maiores defeitos, haviam-na levado àquele terrível fim, as duas mesmas falhas de caráter que a tinham levado a cometer todas as suas tolices mais desastrosas. Essas duas falhas, com um desejo desesperado de fazer com que o pai a amasse como amava os enteados, haviam sido responsáveis pela tragédia em que se transformou sua vida:

Quando tinha quinze anos, foram essas coisas que a levaram a tentar se vingar de seu astuto e rancoroso meio-irmão, de um modo que parecia certo e honroso: vestir secretamente a armadura de Merrick e, então, enfrentá-lo, de maneira justa, na arena. Esse admirável desvario lhe rendeu uma boa surra do pai, bem ali no local do duelo, e só um pouquinho de satisfação por haver derrubado seu malvado meio-irmão do cavalo!

No ano anterior, esses mesmos atributos fizeram-na comportar-se de tal maneira a levar o velho Lorde Balder a reconsiderar o pedido de sua mão, e, ao fazer isso, destruir o sonho que seu pai acalentava de unir as duas famílias. E foram essas coisas, por sua vez, que a levaram a ser internada na abadia de Belkirk, onde, sete semanas antes, ela se tornaria presa fácil do exército de saqueadores do Lobo Negro.

E agora, por causa de tudo isso, ela estava sendo forçada a se casar com seu inimigo; um brutal guerreiro inglês cujos exércitos haviam oprimido seu país, um homem que a havia capturado, mantido como prisioneira, tirado sua virgindade e destruído sua reputação.

Porém, agora era tarde demais para orações e promessas. Seu destino fora selado desde o momento em que, sete semanas antes, foi atirada aos pés do arrogante animal que se encontrava ao seu lado, amarrada como uma perdis em dia de festa.

Jennifer engoliu em seco. Não, antes disso: ela havia tomado aquele caminho para o desastre naquele mesmo dia mais cedo, quando se recusara a ouvir as advertências de que os exércitos do Lobo Negro estavam nas redondezas.

No entanto, por que *deveria* ter acreditado, clamou Jennifer em sua própria defesa. “*O Lobo está marchando contra nós!*”, esse era o grito de destruição que se dava de modo apavorado quase todas as semanas ao longo dos últimos cinco anos. Porém, naquele dia, sete semanas antes, aquele aviso, lamentavelmente, se cumprira.

A multidão no salão agitou-se, inquieta, buscando um sinal do padre, mas Jennifer estava perdida em suas lembranças daquele dia...

Na época, o dia parecia excepcionalmente bonito, o céu tinha um tom azul alegre, o ar era agradável. O sol brilhava sobre a abadia, banhava com sua clara luz dourada os pináculos góticos e as abóbodas graciosas, irradiava-se generosamente sobre a pequena aldeia adormecida de Belkirk, que ostentava a abadia, duas lojas, trinta e quatro habitações e um poço de pedra público bem no centro dela, onde os aldeões se reuniam nas tardes de domingo, como estavam fazendo naquele momento. Em uma colina distante, um pastor cuidava de seu rebanho, enquanto, em uma clareira não muito afastada do poço, Jennifer brincava de cabra-cega com os órfãos que a abadessa havia confiado aos seus cuidados.

Nesse cenário tranquilo de risos e descontração, tivera início aquela farsa. Como se, de algum modo, pudesse mudar os acontecimentos ao revivê-los na mente, Jennifer fechou os olhos e, de repente, lá estava ela outra vez na pequena clareira com as crianças, com o capuz cobrindo-lhe completamente a cabeça...

— Onde está você, Tom MacGivern? — gritou ela, andando às cegas com os braços estendidos, fingindo ser incapaz de localizar o garoto de nove anos que dava risadinhas e estava, pelo que diziam seus ouvidos, a apenas um passo de distância à sua direita. Sorrindo debaixo do capuz que lhe cobria o rosto, ela fez a pose de um “monstro” clássico, com os braços levantados, os dedos abertos como se fossem garras, e começou a pisar forte, chamando com uma voz grave e sinistra:

— Você não pode fugir de mim, Tom MacGivern.

— Ha! — gritou ele, à direita dela. — Você não vai me encontrar, cabra-cega!

— Vou, sim! — ameaçou Jenny e, então, premeditadamente, virou-se para a esquerda, o que provocou uma onda de risos vinda das crianças escondidas atrás de árvores e agachadas ao lado de arbustos.

— Peguei você! — gritou Jenny de maneira triunfante, alguns minutos depois, ao se lançar sobre uma criança em fuga que dava risadinhas e segurar um pequeno pulso.

Sem fôlego e rindo, Jenny arrancou o capuz para ver quem havia capturado, sem se dar conta do cabelo ruivo caindo sobre seus ombros e braços.

— Você pegou a Mary! — alardearam as crianças, alegremente.

— A cabra-cega agora é a Mary!

A garotinha de cinco anos ergueu os olhos castanho-claros arregalados e apreensivos para Jenny, com o corpo franzino tremendo de medo.

— Por favor — sussurrou, agarrando-se à perna de Jenny —, eu... eu não quero usar o capuz... vai ficar escuro aí dentro. Eu tenho que usar?

Com um sorriso tranquilizador, Jenny ternamente tirou o cabelo que cobria o rosto fino de Mary.

— Não, se você não quiser.

— Eu tenho medo de escuro — confidenciou Mary desnecessariamente, os ombros estreitos caídos de vergonha.

Colocando-a nos braços, Jenny lhe deu um abraço bem apertado.

— Todo mundo tem medo de alguma coisa — disse e, de modo provocativo, acrescentou: — Eu, por exemplo, tenho medo de... de *sapos!*

A confissão desonesta fez a garotinha rir.

— Sapos! — repetiu ela — Eu gosto de sapos! Não tenho nem um pouquinho de medo de sapos.

— Veja... — disse Jenny enquanto a colocava no chão. — Você é muito corajosa. Mais corajosa do que eu!

— Lady Jenny tem medo de sapos bobinhos — disse Mary para o grupo de crianças quando elas correram para frente.

— Não, ela não... — começou o jovem Tom, saindo rapidamente em defesa da bela Lady Jenny, que, a despeito de sua posição altiva, estava sempre pronta para qualquer coisa, inclusive para erguer as saias e atravessar a lagoa, para ajudá-lo a apanhar um sapo-boi ou subir em uma árvore, rápida como um gato, para resgatar o pequeno Will, com medo de descer.

Tom silenciou-se diante do olhar suplicante de Jenny e não mais argumentou sobre o suposto medo que a jovem tinha de sapos.

— Eu coloco o capuz — ofereceu-se, enquanto olhava com veneração para a jovem de dezessete anos que usava o vestido austero de uma noviça, apesar de não ser uma, e que, além disso, definitivamente não *agia* como tal. Ora, no último domingo durante o longo sermão do padre, a cabeça de Lady Jenny caíra para frente, e somente a tosse ruidosa e fingida de Tom no banco de trás despertou-a antes que fosse flagrada pelo olhar aguçado da abadessa.

— É a vez de Tom usar — concordou Jenny de imediato, enquanto lhe passava o capuz.

Sorrindo, ela observou as crianças dispararem para o esconderijo favorito delas e, em seguida, ergueu a touca e o véu curto de lã que havia tirado para ser a cabra-cega. Com a intenção de ir ao poço onde os aldeões questionavam afoitamente alguns homens de um clã a caminho de casa que passavam por Belkirk, vindos da guerra contra os ingleses em Cornwall, ela levantou o véu para colocá-lo.

— Lady Jennifer! — chamou, de repente, um dos homens da aldeia. — Venha depressa; há notícias do senhor.

Esquecendo-se do véu e da touca na mão, Jenny começou a correr, e as crianças, ao perceberem o alvoroço, pararam de brincar e correram atrás dela.

— Que notícias? — perguntou Jenny, ofegante, examinando com o olhar fixo os rostos impassíveis dos grupos de homens do clã. Um deles deu um passo à frente, tirando respeitosa e o capacete e apoiando-o na curva do braço.

— Você é a filha do senhor de Merrick?

À menção do nome Merrick, dois dos homens junto ao poço, de repente, pararam de puxar um balde de água para cima e trocaram olhares assustados e malévolos antes de abaixarem rapidamente a cabeça outra vez, mantendo o rosto na sombra.

— Sim — respondeu Jenny, afoita. — Tem notícias de meu pai?

— Sim, milady. Ele está vindo por este caminho, não muito atrás de nós, com um grande grupo de homens.

— Graças a Deus — sussurrou Jenny. — Como está a batalha em Cornwall? — perguntou alguns instantes depois, pronta agora para esquecer seus interesses pessoais e dedicar sua preocupação à batalha que os escoceses



estavam travando em Cornwall, em defesa do rei Tiago e da reivindicação de Eduardo V ao trono inglês.

O rosto do homem respondeu à pergunta de Jenny antes mesmo de pronunciar as palavras:

— Tudo, menos acabada quando partimos. Em Cork e em Taunton, parecia que podíamos vencer, e o mesmo acontecia em Cornwall, até que o próprio diabo assumiu o comando do exército de Henrique.

— O diabo? — repetiu Jenny, perdida.

Com o rosto contorcido de ódio, o homem cuspiu no chão.

— Sim, o diabo, o Lobo Negro em pessoa, que queime no inferno de onde saiu!

Duas das camponesas fizeram o sinal da cruz, como se estivessem se protegendo do mal após a menção do Lobo Negro, o inimigo mais odiado e mais temido da Escócia, mas as palavras seguintes do homem deixaram-nas boquiabertas de medo:

— O Lobo está voltando para a Escócia. Henrique o está enviando com um novo exército para nos esmagar por causa do nosso apoio ao rei Eduardo. Haverá mortes e derramamento de sangue como da última vez que ele veio, só que pior, pode acreditar. Os clãs estão se apressando para vir para casa e se preparar para as batalhas. Acredito que o Lobo atacará Merrick primeiro, antes de atacar qualquer um de nós, pois foi o clã de vocês que ceifou grande parte das vidas inglesas em Cornwall.

Tendo dito isso, ele acenou educadamente com a cabeça, colocou o capacete e, então, montou em seu cavalo.

Os grupos esparsos junto ao poço partiram logo em seguida, descendo a estrada que atravessava os pântanos e serpenteava pelas encostas das colinas.

Dois dos homens, no entanto, não foram além da curva na estrada. Uma vez fora do campo de visão dos aldeões, eles desviaram para a direita, fazendo os cavalos galoparem de modo furtivo pela floresta adentro.

Se Jenny estivesse observando, teria visto de relance os dois virando e voltando pela floresta que margeava a estrada atrás dela. Porém, naquele momento, ela estava ocupada com o pálido alvoroço que se criara entre os cidadãos de Belkirk, que ficava no caminho entre a Inglaterra e o castelo de Merrick.

— O Lobo está vindo! — gritou uma das mulheres, apertando o bebê contra o peito, como se o estivesse protegendo. — Que Deus tenha  *piedade* de nós!

— É Merrick que ele vai atacar — gritou um homem, a voz de medo cada vez mais alta. — É o dono das terras de Merrick que ele vai querer em suas mandíbulas, mas é Belkirk que ele vai devorar no meio do caminho.

De repente, o ar se encheu de prenúncios horripilantes de fogo, morte e destruição, e as crianças se aglomeraram em torno de Jenny, agarrando-se a ela com um medo silencioso. Para os escoceses, fossem nobres ricos ou humildes aldeões, o Lobo Negro era pior que o próprio diabo, e mais perigoso, porque o diabo era um espírito, enquanto o Lobo era de carne e osso, o Senhor vivo do Mal, um ser monstruoso que ameaçava a existência deles, aqui na Terra. Era o fantasma maligno usado pelos escoceses para aterrorizar seus filhos, a fim de que se comportassem. “O Lobo vai pegar você”, esse era o aviso que davam para impedir as crianças de entrarem na floresta, saírem da cama à noite ou desobedecerem aos mais velhos.

Impaciente com tamanha histeria sobre o que, para ela, era mais um mito do que um homem, Jenny levantou a voz para ser ouvida acima do barulho.

— O mais provável — gritou, colocando os braços em torno das crianças que se haviam aglomerado ao redor dela à primeira menção do nome do Lobo — é que ele volte para seu rei pagão, para que possa lambe as feridas que lhe causamos em Cornwall, enquanto conta grandes mentiras para supervalorizar sua vitória. E, se não fizer isso, ele escolherá um castelo mais fraco que o de Merrick para atacar, um que tenha a possibilidade de conquistar.

Suas palavras e seu espirituoso tom de desdém fizeram alguns olhares assustados se voltarem para seu rosto, mas não foi simplesmente uma falsa bravata que levou Jenny a falar assim: ela era uma Merrick, e os Merrick nunca admitiam ter medo de homem algum. Ela ouvira seu pai dizer isso centenas de vezes aos seus meios-irmãos, e havia adotado para si a mesma convicção. Além disso, os aldeões estavam assustando as crianças, o que ela não estava disposta a permitir.

Mary puxou as saias de Jenny para chamar sua atenção e, com uma voz estridente de criança, perguntou:

— *Você não tem medo do Lobo Negro, Lady Jenny?*

— Claro que não! — respondeu Jenny com um sorriso radiante e tranquilizador.

— Dizem — interrompeu o jovem Tom, com uma voz de assombro — que o Lobo tem a altura de uma árvore!

— Uma árvore! — riu Jenny, tentando transformar o Lobo e todo o folclore que girava em torno dele em uma grande piada. — Se ele tivesse, valeria a pena vê-lo quando tentasse montar em seu cavalo! Ora, seriam necessários *quatro* escudeiros para levá-lo!

A falta de lógica dessa imagem fez algumas crianças rirem, exatamente como Jenny esperava.

— Eu ouvi dizer — disse o jovem Will, expressando um arrepio — que ele derruba muros com as próprias mãos e bebe sangue!

— Eca! — exclamou Jenny, com os olhos cintilantes. — Então deve ser a indigestão que o torna tão cruel. Se ele vier para Belkirk, vamos oferecer-lhe uma boa cerveja escocesa.

— Meu pai disse — interveio outra criança — que ele anda acompanhado de um gigante, um Golias chamado Arik, que carrega um machado de guerra e pica as crianças...

— Eu ouvi... — disse outra criança, de maneira sombria.

Jenny interrompeu sutilmente:

— Deixem-me contar para vocês o que *eu* ouvi. — Com um sorriso radiante, começou a conduzi-los até a abadia, que ficava pouco depois de uma curva na estrada. — *Eu* ouvi — improvisou com alegria — que ele está tão velho que tem que apertar um pouquinho os olhos para poder enxergar, assim...

Ela contorceu o rosto para fazer uma expressão exageradamente cômica de uma pessoa desorientada e quase cega olhando ao redor sem conseguir enxergar nada, e as crianças tiveram um ataque de riso.

Enquanto caminhavam, Jenny continuou a provocá-las com os mesmos comentários descontraídos, e as crianças entraram na brincadeira, dando suas próprias sugestões para fazer com que o Lobo parecesse algo absurdo.

Porém, a despeito das risadas e da aparente alegria daquele momento, o céu subitamente escureceu com a chegada de nuvens pesadas, e o ar foi se transformando em um vento frio cortante que açoitava a capa ao redor de Jenny, como se a própria natureza se revoltasse diante da menção àquele ser maligno.

Jenny estava prestes a fazer outra piada à custa do Lobo, mas parou abruptamente quando um grupo de homens dos clãs, montados em seus cavalos, surgiu na curva antes da abadia, vindo pela estrada em sua direção. Uma bela moça, usando, como Jenny, o vestido cinza-escuro, a touca branca e o curto

véu cinza de uma noviça, vinha na frente do líder, sentada recatadamente de lado na sela, o sorriso tímido confirmando o que Jenny já sabia.

Com um grito silencioso de alegria, Jenny começou a correr na direção deles, mas, ao perceber aquele impulso impróprio para uma jovem, parou onde estava. Fixou os olhos em seu pai, depois olhou rapidamente para os homens de seu clã, que passavam os olhos nela com a mesma desaprovação sombria que lhe haviam mostrado durante anos, desde que seu meio-irmão conseguira espalhar a terrível história que se havia passado com ele.

Mandando as crianças seguirem em frente com ordens estritas para irem diretamente para a abadia, Jenny esperou no meio da estrada pelo que parecia ser uma eternidade, até que, finalmente, o grupo parou bem à sua frente.

Seu pai, que obviamente havia passado na abadia onde também estava Brenna, meia-irmã de Jenny, desceu do cavalo e depois se virou para ajudar a moça a descer. Jenny irritou-se com a demora, mas a atenção escrupulosa que o pai dava à cortesia e à dignidade era tão típica do grande homem que um sorriso torto lhe roçou os lábios.

Finalmente, ele se virou completamente para ela, abrindo os braços. Jenny lançou-se em seu abraço, apertando-o impetuosamente e balbuciando coisas com entusiasmo:

— Pai, eu estava com tanta saudade de você! Faz quase dois anos desde que o vi! Você está bem? Você parece bem. Você praticamente não mudou durante todo esse tempo!

Tirando delicadamente os braços da filha que estavam em torno de seu pescoço, Lorde Merrick afastou-a um pouco enquanto examinava o cabelo desgrenhado, as bochechas rosadas e o vestido amarrotado da moça. Jenny contorceu-se por dentro sob o longo escrutínio do pai, rezando para que ele aprovasse o que via e para que, uma vez que, obviamente, já havia passado na abadia, tivesse ficado satisfeito com o relatório da abadessa.

Dois anos antes, seu comportamento havia feito com que ela fosse enviada para a abadia; um ano antes, Brenna tinha sido enviada para lá por motivo de segurança, enquanto o senhor estava na guerra. Sob a firme direção da abadessa, Jenny passou a apreciar seus pontos fortes e a tentar superar suas falhas. Porém, enquanto o pai a examinava da cabeça aos pés, ela não podia deixar de imaginar se ele via a jovem em que se havia transformado agora ou se ainda via a menina rebelde de dois anos antes. Os olhos azuis do homem, enfim, voltaram para seu rosto, e havia neles um sorriso.

— Você se tornou uma mulher, Jennifer.

O coração de Jenny ficou leve; vindo de seu pai taciturno, tal comentário era um grande elogio.

— Mudei em outros sentidos também, pai — garantiu ela com os olhos brilhando. — Mudei muito.

— Nem tanto *assim*, minha menina. — Erguendo as grossas sobrancelhas brancas, ele olhou explicitamente para a touca e o véu curto esquecidos que pendiam dos dedos dela.

— Ah! — exclamou Jenny, rindo e ansiosa para explicar. — Eu estava brincando de cabra-cega... hum... com as crianças, e o capuz não entraria na cabeça com eles. Você já viu a abadessa? O que a madre Ambrose disse?

Um riso reluziu nos olhos sombrios do pai.

— Ela me disse — respondeu secamente — que você tem o hábito de sentar-se naquela colina distante e ficar olhando para o nada, sonhando, o que me soa familiar, moça. E ela me disse que tem a tendência de adormecer no meio da missa quando o padre dá um sermão mais longo do que julga conveniente, o que também me soa familiar.

O coração de Jenny se esmoreceu por causa dessa aparente traição da abadessa, a quem tanto admirava. De certo modo, a madre Ambrose era a dona de suas próprias terras, controlando as receitas vindas das zonas de cultivo e do gado que pertenciam à esplêndida abadia, presidindo à mesa sempre que havia visitas e tratando de todos os outros assuntos que envolviam os leigos que trabalhavam nas terras da abadia, bem como lidando com as freiras que viviam enclausuradas dentro de seus muros altos.

Brenna tinha pavor daquela mulher austera, mas Jenny a amava e, por isso, a aparente traição da abadessa despedaçou seu coração.

As palavras seguintes de seu pai dissiparam seu desapontamento.

— A madre Ambrose também me disse — admitiu, com orgulho brusco — que tem a cabeça própria de uma abadessa. Ela disse que você é uma Merrick da cabeça aos pés, com coragem suficiente para ser a senhora de seu próprio clã. Mas você não o será — advertiu, frustrando o maior sonho de Jenny.

Com certo esforço, Jenny manteve o sorriso no rosto, recusando-se a sentir a dor de ser privada daquele direito; um direito que lhe havia sido prometido até seu pai se casar com a mãe viúva de Brenna e ganhar três enteados no acordo.

Alexander, o mais velho dos três irmãos, assumiria a posição que havia sido prometida a ela. Isso, por si só, não lhe teria sido tão difícil de aceitar se Alexander

tivesse sido gentil ou mesmo imparcial, mas ele era um traidor mentiroso e calculista, e Jenny sabia muito bem disso, ainda que seu pai e seu clã não soubessem. Um ano depois de ter ido viver no castelo de Merrick, ele começou a espalhar histórias sobre ela, histórias tão caluniosas e terríveis, mas inventadas com tanto engenho, que, durante alguns anos, ele conseguiu colocar todo o clã contra ela. Essa perda da afeição do clã ainda lhe causava uma dor insuportável. Mesmo agora, quando eles a olhavam como se ela não existisse, Jenny tinha de se conter para não implorar que a perdoassem por coisas que não havia feito.

William, o irmão do meio, era como Brenna: doce e o mais tímido possível, enquanto Malcolm, o caçula, era tão mau e tão dissimulado quanto Alexander.

— A abadessa também disse — continuou seu pai — que você é boa e gentil, mas tem uma personalidade forte também...

— Ela disse tudo isso? — perguntou Jenny, afastando os pensamentos deprimentes acerca de seus meios-irmãos. — Verdade?

— Sim.

Jenny normalmente ficaria alegre com essa resposta, mas, ao observar o rosto do pai, percebeu que estava ficando mais sombrio e tenso do que nunca. Até a voz dele soava tensa quando falou:

— Que bom ter abandonado seus modos pagãos e ter-se tornado uma pessoa diferente, Jennifer.

Ele fez uma pausa como se fosse incapaz ou estivesse sem vontade de continuar, e Jenny o estimulou delicadamente:

— Por que diz isso, pai?

— Porque — respondeu ele, dando um suspiro longo e desagradável — o futuro do clã dependerá de sua resposta à minha próxima pergunta.

Suas palavras ressoaram na mente de Jenny como se fossem toques de uma trombeta, deixando-a atordoada de emoção e alegria: “*O futuro do clã depende de você...*”. Ela estava tão feliz que mal podia acreditar no que havia ouvido. Era como se estivesse no alto da colina, olhando para a abadia, sonhando acordada seu sonho preferido, aquele em que seu pai se aproximava dela e dizia: “*Jennifer, o futuro do clã depende de você. Não de seus meios-irmãos. De você*”.

Era a oportunidade com a qual ela sonhava para provar sua coragem aos homens do clã e reconquistar o afeto deles. Nesse sonho, ela sempre era chamada a realizar alguma façanha incrível, algum feito corajoso e perigoso, como escalar o muro do castelo do Lobo Negro e capturá-lo com as próprias

mãos. Porém, por mais assustadora que pudesse ser a tarefa, ela nunca a questionava nem hesitava um segundo em aceitar o desafio.

Ela examinou o rosto do pai.

— O que você quer que eu faça? — perguntou, ansiosa. — Diga-me, e eu farei! Farei qualquer...

— Você *se casará* com Edric MacPherson?

— O quêêê? — engasgou a heroína horrorizada do sonho de Jenny. Edric MacPherson era mais velho que seu pai; um homem mirrado e assustador que olhava para ela, desde que tinha começado a se transformar em uma donzela, de um modo que lhe dava calafrios.

— Fará isso ou não?

As delicadas sobrancelhas castanhas de Jenny se franziram.

— Por quê? — perguntou a heroína que nunca questionava.

Um olhar estranho e assombrado entristeceu o rosto do pai.

— Fomos derrotados em Cornwall, moça; perdemos metade de nossos homens. Alexander morreu na batalha. Morreu como um Merrick — acrescentou com o orgulho sombrio —, lutando até o fim.

— Que bom que você está bem, pai — disse ela, incapaz de sentir mais do que um breve espasmo de tristeza pelo meio-irmão que havia transformado sua vida em um inferno. Agora, como tantas vezes no passado, queria que houvesse algo que *ela* pudesse fazer para que o pai sentisse orgulho dela.

— Eu sei que você o amava como se fosse seu próprio filho.

Aceitando a empatia da filha com um breve aceno de cabeça, ele voltou a discutir o assunto de que tratavam:

— Havia muitos entre os clãs que se opuseram a ir a Cornwall para lutar pela causa do rei Tiago, mas, mesmo assim, os clãs me seguiram. Não era segredo para os ingleses que foi minha influência que levou os clãs a Cornwall, e agora o rei inglês quer vingança. Ele está enviando o Lobo à Escócia para atacar o castelo de Merrick. — Com uma dor escabrosa na voz grave, ele admitiu: — Não poderemos resistir a um cerco agora, a menos que o clã MacPherson venha nos apoiar em nossa luta. A influência de MacPherson sobre uma dezena de outros clãs é grande o suficiente para forçá-los a se unir a nós também.

A mente de Jenny não parava de pensar. Alexander estava morto, e o Lobo realmente *estava* a caminho...

A voz áspera de seu pai arrancou-a de seus pensamentos.

— Jennifer! Você compreende o que estou dizendo? MacPherson prometeu unir-se à nossa luta, mas só se você o aceitar como marido.

Por parte de mãe, Jenny era condessa e herdeira de uma rica propriedade que margeava a dos MacPherson.

— Ele quer as minhas terras? — perguntou quase cheia de esperança, lembrando-se da maneira horrível como os olhos de Edric MacPherson examinaram seu corpo quando ele passou na abadia um ano antes, para fazer-lhe uma “visita”.

— Sim.

— Não poderíamos simplesmente *dá-las* em troca do apoio dele? — sugeriu desesperadamente, preparada e disposta a sacrificar, sem hesitação, uma esplêndida propriedade para o bem de seu povo.

— Ele não concordaria com isso! — respondeu o pai, furioso. — Há honra em lutar pelos parentes, mas ele não poderia enviar seu povo para uma luta que não fosse dele e depois aceitar apenas terras como pagamento.

— Mas, certamente, se ele deseja tanto as minhas terras, deve haver alguma forma...

— Ele deseja *você*. Foi o que mandou me dizer em Cornwall. — Seu olhar concentrou-se no rosto de Jenny, registrando as mudanças surpreendentes operadas no semblante simples de uma menina magra e sardenta, transformando-o no rosto de uma beleza quase exótica. — Você tem a aparência de sua mãe agora, moça, e isso despertou o interesse do velho. Eu não pediria isso se houvesse outra saída. — Rispidamente, ele a lembrou: — Você me pedia para nomeá-la senhora. Disse que não havia nada que não faria por seu clã...

O estômago de Jenny se revirou diante da ideia de entregar seu corpo, toda a sua vida, a um homem que, por instinto, a fazia recuar, mas ela ergueu a cabeça e, corajosamente, encontrou o olhar de seu pai.

— Sim, pai — disse calmamente. — Devo ir com você agora?

A expressão de orgulho e alívio no rosto do pai quase fez o sacrifício valer a pena. Ele fez que não com a cabeça.

— É melhor você ficar aqui com Brenna. Não temos cavalos a mais e estamos ansiosos para chegar a Merrick e começar os preparativos para a batalha. Avisarei a MacPherson que o acordo de matrimônio está feito e depois enviarei alguém aqui para levá-la até ele.

Quando ele se virou para montar novamente no cavalo, Jenny cedeu à tentação contra a qual estava lutando desde o início: em vez de se manter de lado, ela se colocou entre as fileiras de homens montados do clã, que antes eram seus amigos e companheiros de jogos. Esperando que alguns talvez tivessem ouvido que ela



concordara em se casar com MacPherson e que isso pudesse anular o desprezo que sentiam por ela, ela parou ao lado do cavalo de um homem rosado e ruivo.

— Bom dia para você, Renald Garvin — disse, sorrindo com hesitação para os olhos do homem encapuzado. — Como está a senhora, sua esposa?

A mandíbula do homem endureceu, seus olhos frios piscaram para ela.

— Imagino que esteja muito bem — respondeu rispidamente.

Jenny engoliu em seco diante da inconfundível rejeição do homem que antes a ensinara a pescar e ria com ela quando caía no rio.

Virou-se e olhou de modo suplicante para o homem na coluna ao lado de Renald.

— E você, Michael MacCleod? Está sentindo alguma dor na perna?

Olhos azuis frios encontraram os dela e, depois, olharam para frente.

Ela se dirigiu ao cavaleiro atrás dele, cujo rosto estava cheio de ódio, e estendeu a mão como se implorasse para que ele a apertasse, a voz embargada em uma súplica.

— Garrick Carmichael, faz quatro anos que sua Becky se afogou. Eu juro a você agora, como jurei na época, que não a empurrei no rio. *Não* estávamos discutindo... foi uma mentira inventada por Alexander para...

Com o rosto duro como granito, Garrick Carmichael fez sinal para que o cavalo fosse para frente e, sem sequer olharem para Jenny, os homens começaram a passar por ela.

Somente o velho Josh, o armeiro do clã, puxou a rédea de seu cavalo para fazê-lo parar, deixando que os outros seguissem à frente. Inclinando-se, ele colocou a palma calejada sobre a cabeça descoberta de Jenny.

— Eu sei que você diz a verdade, moça — disse ele, e sua constante lealdade fez lágrimas arderem nos olhos de Jenny enquanto olhava para seus olhos castanhos. — Você tem um temperamento forte, não há como negar, mas, mesmo quando não passavas de uma menina, mantinhas a cabeça erguida. Garrick Carmichael e os outros podem ter se deixado levar pela aparência angelical de Alexander, mas não o velho Josh. Você não me verá lamentando a perda dele! O clã estará muito melhor sob o comando do jovem William. Carmichael e os outros... — acrescentou de modo tranquilizador — mudarão de ideia a seu respeito quando souberem de seu casamento com MacPherson, para o bem deles e para o bem de seu pai.

— Onde estão meus meios-irmãos? — perguntou Jenny com a voz rouca, mudando de assunto para não desatar em lágrimas.

— Eles estão voltando para casa por outro caminho. Não sabíamos ao certo se o Lobo tentaria nos atacar no trajeto, por isso nos dividimos depois que saímos de Cornwall.

Com um tapinha na cabeça da moça, ele fez sinal para o cavalo andar.

Como se estivesse aturdida, Jenny permaneceu parada no meio da estrada, observando seu clã se afastar e desaparecer depois da curva.

— Está ficando escuro — disse Brenna ao seu lado, a voz suave cheia de compaixão. — Devemos voltar para a abadia agora.

A abadia. Havia apenas três horas Jenny tinha saído da abadia se sentindo alegre e viva. Agora, sentia-se morta.

— Vá na frente. Eu... eu não posso voltar agora. Ainda não. Acho que subirei a colina e ficarei sentada lá por um tempo.

— A abadessa ficará irritada se não voltarmos antes de anoitecer, e já é quase noite — disse Brenna, apreensiva.

O relacionamento entre as duas sempre fora assim: Jenny violava as regras e Brenna ficava apavorada com a ideia. Meiga, dócil e bonita, Brenna tinha cabelos loiros, olhos castanho-claros e uma natureza doce que a tornavam, aos olhos de Jenny, a melhor personificação da feminilidade. Era tão mansa e tímida quanto Jenny era impulsiva e corajosa. Sem Jenny, ela não teria vivido uma única aventura, nem sequer recebido uma única repreensão. Sem Brenna para se preocupar com ela e protegê-la, Jenny teria tido muitas outras aventuras e sofrido muitas outras repreensões. Consequentemente, as duas jovens se dedicavam completamente uma à outra e tentavam se proteger mutuamente o máximo possível das consequências inevitáveis dos defeitos de cada uma.

Brenna hesitou e, então, ofereceu-se com um pouco de tremor na voz:

— Ficarei com você. Se ficar sozinha, você se esquecerá do tempo e é provável que seja atacada por um... um urso na escuridão.

Nesse momento, a possibilidade de ser morta por um urso pareceu muito atraente para Jenny, cujo futuro envolto em tristeza e maus pressentimentos passou diante de seus olhos. Embora realmente desejasse isso, e até mesmo precisasse ficar ao ar livre para tentar organizar seus pensamentos, Jenny fez um não com a cabeça, sabendo que, se ficassem, Brenna se encheria de medo diante da ideia de ter de enfrentar a abadessa.

— Não, vamos voltar.

Ignorando as palavras de Jenny, Brenna apertou a mão da irmã e virou-se para a esquerda, na direção da encosta da colina que dava vista para a abadia, e, pela primeira vez, foi Brenna quem foi à frente e Jenny a seguiu.

Na floresta que ladeava a estrada, duas sombras se moviam furtivamente, acompanhando em paralelo o caminho das jovens até o alto da colina.

Quando estavam na metade da subida íngreme, Jenny já estava impaciente com sua própria autopiedade e fez um esforço hercúleo para levantar seu ânimo debilitado.

— Se você pensar — disse lentamente, olhando de relance para Brenna —, é, na verdade, magnífico e nobre que eu tenha a oportunidade de me casar com MacPherson para o bem de meu povo.

— Você é como Joana d’Arc — concordou Brenna, com entusiasmo — levando o seu povo à vitória!

— Só que estou me casando com Edric MacPherson.

— E — concluiu Brenna de modo encorajador — sofrendo um destino pior que o dela!

Jenny arregalou os olhos ao rir dessa deprimente observação que sua irmã bem-intencionada fizera com tanto entusiasmo.

Encorajada ao ver a capacidade de Jenny de voltar a rir, Brenna buscou outra coisa com que pudesse distrair e animar a irmã. Quando se aproximaram do topo da colina, que era cerrada por bosques densos, ela disse subitamente:

— A que o papai se referiu quando disse que você tem a “aparência de sua mãe”?

— Não sei — começou Jenny, distraída por uma súbita e desconfortável sensação de que estavam sendo observadas na escuridão cada vez maior. Virando-se e andando para trás, ela olhou na direção do poço lá embaixo e viu que todos os aldeões já haviam voltado para o conforto de seus lares. Puxando a capa sobre o corpo, tremeu em meio ao vento cortante e, sem muito interesse, acrescentou: — A madre abadessa disse que sou um pouco *atrevida* e que devo evitar o efeito que tenho sobre os homens quando saio da abadia.

— O que isso significa?

Jenny deu de ombros sem preocupação.

— Não sei.

Virando-se e andando para frente novamente, Jenny lembrou-se da touca e do véu que carregava na mão e começou a colocar a touca.

— Como parece? — perguntou, lançando um olhar intrigado para Brenna. — Faz dois anos que não vejo meu rosto, exceto quando me surpreendo com meu reflexo na água. Mudei muito?

— Ah, sim — riu Brenna. — Nem Alexander poderia dizer que você é magra e reta agora ou que seu cabelo tem cor de cenoura.

— Brenna — interrompeu Jenny, aturdida com sua própria insensibilidade. — Você não está triste com a morte de Alexander? Ele era seu irmão e...

— Não fale mais nisso — rogou Brenna com a voz trêmula. — Eu chorei quando o papai me contou, mas foram poucas as lágrimas e me sinto culpada porque não o amava como deveria. Nem antes nem agora. Eu não podia. Ele era tão... mau. É errado falar mal dos mortos, mas não consigo pensar em muita coisa *boa* a seu respeito. — Sua voz falhou, e ela puxou seu manto para se proteger do vento úmido, olhando para Jenny, em um apelo silencioso para mudar de assunto.

— Diga-me como pareço, então — pediu Jenny rapidamente, dando um abraço apertado na irmã.

Elas pararam de andar, tendo o caminho bloqueado pela mata densa que cobria o restante da encosta. Um sorriso lento e delicado abriu-se no belo rosto de Brenna enquanto examinava sua meia-irmã, os olhos castanhos percorrendo a face expressiva de Jenny, dominada por um par de grandes olhos tão claros quanto o cristal azul-escuro abaixo de sobranceiras castanhas graciosamente levantadas.

— Bem, você é... você é muito bonita!

— Bom, mas você vê algo *diferente* em mim? — perguntou Jenny, pensando nas palavras de madre Ambrose enquanto colocava a touca e ajustava o véu curto de lã sobre ela. — Algo que pudesse fazer um homem se comportar de maneira estranha?

— Não — respondeu Brenna, pois via Jenny pelos olhos de uma jovem inocente. — Absolutamente nada.

Um homem teria dado uma resposta muito diferente, pois, embora não fosse bonita no sentido convencional, Jennifer Merrick tinha uma aparência recatada e, ao mesmo tempo, provocante. Tinha uma boca generosa que pedia para ser beijada, olhos como safiras transparentes que impressionavam e convidavam, um cabelo exuberante que parecia um cetim vermelho dourado e um corpo esbelto e voluptuoso feito para as mãos de um homem.

— Seus olhos são azuis — começou Brenna, prestativa, na tentativa de descrevê-la, e Jenny riu baixinho.

— Já eram azuis há dois anos.

Brenna abriu a boca para responder, mas as palavras se transformaram em um grito sufocado pela mão de um homem que tapou sua boca enquanto começava a arrastá-la para trás, em direção à densidão da floresta.

Jenny agachou-se instintivamente, esperando um ataque pela retaguarda, mas demorou muito. Dando chutes e gritando com a mão enluvada de outro homem em sua boca, foi levantada e puxada para dentro da floresta. Brenna foi jogada como um saco de farinha sobre o dorso do cavalo de seu raptor, com os braços e as pernas flácidos atestando o fato de que havia desmaiado, mas Jenny não se deixava dominar tão facilmente. Quando seu adversário anônimo a lançou sobre o dorso do cavalo, ela se jogou para o lado, rolou no chão, foi parar nas folhagens com lama, engatinhou para debaixo do cavalo e depois fez força para ficar de pé. Ele a agarrou novamente, e Jenny arranhou o rosto dele com as unhas, retorcendo-se entre as garras do homem.

— Ai, meu Deus! — bufou ele, tentando agarrar as pernas agitadas da moça. Jenny soltou um grito horripilante no mesmo instante em que deu um chute com toda a força no tornozelo do homem com suas robustas botas pretas, tidas como apropriadas para noviças. O homem loiro deixou escapar um gemido de dor e a soltou por uma fração de segundo. Ela começou a correr e poderia até ter se distanciado alguns metros se um de seus pés não tivesse tropeçado na raiz grossa de uma árvore, o que a fez cair de bruços e bater a lateral da cabeça em uma pedra no chão.

— Passe-me a corda — pediu o irmão do Lobo com um sorriso macabro quando olhou para o companheiro.

Tirando pela cabeça a capa de sua prisioneira imóvel, Stefan Westmoreland enrolou-a bem apertado no corpo dela, usando-a para prender os braços ao lado do corpo, e depois pegou a corda que o companheiro lhe havia entregado, amarrando-a com firmeza em torno da cintura de Jenny. Feito isso, pegou Jenny como se fosse um pacote humano e jogou-a de maneira infame sobre seu cavalo, com o traseiro voltado para o céu, e depois sentou-se na sela atrás dela.